

Formas excessivas no discurso oral informal: aplicações em Português Língua Estrangeira (Português Europeu)

Catarina VAZ

CLUP- Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract. Language use in real and in spontaneous situations is one of the most difficult aspects to master and investigate because of its voluble, oral, and instantaneous nature. The research on language use based on real corpora is scarce as far as European Portuguese is concerned. We intend to identify and analyze some excessive forms, such as repetitions, redundancy, hesitations, among other phenomena, from a corpus of informal oral conversations that we are elaborating and that is part of our CorpOral-PLE project.

Keywords: *discourse analysis, corpus of informal oral conversations; Portuguese as a foreign language.*

O uso da língua em situação real e espontânea é um dos aspetos mais difíceis de dominar e de investigar, devido ao seu carácter volúvel, oral e instantâneo. Os trabalhos de investigação que se debruçam sobre os usos da língua e que se apoiam em «corpora» reais são escassos, no que diz respeito ao Português Europeu.

De análises exploratórias que efetuámos e de estudos sobre este assunto (Duarte 2018, Duarte e Carvalho 2017, 2018, entre outros) recenseamos, com efeito, um conjunto de fenómenos linguísticos e discursivos que não foram descritos pelas gramáticas portuguesas e que colocam diversos problemas nomeadamente no ensino de Português Língua Estrangeira (doravante PLE), mas igualmente em tradução, em estudos comparatistas, visto que os estudantes aprendem com base na descrição da norma padrão e da língua escrita e muito mais raramente no uso da oralidade. O discurso oral é um discurso que se

planifica à medida que se vai comunicando, apresentando por isso numerosos elementos meta-enunciativos (reformuladores) e que podem ser considerados como excessivos, por divergirem da norma gramatical.

Isabel Margarida Duarte trabalhou longamente e de forma minuciosa sobre as «Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu» (2018) e em cujos estudos nos baseamos e nos inspiramos. A autora refere a existência de várias correntes no seio da Linguística que defendem o estudo da língua em uso, considerando que uma língua é um sistema indissociável da sua função comunicativa. Contudo, não existe ainda uma descrição alargada e abrangente desses usos reais e informais para o Português Europeu, ao contrário do que ocorre para o Português do Brasil (Duarte 2018: 2). É neste sentido que pretendemos levar a cabo um projeto de elaboração de um corpus de conversas informais que denominamos CorpOral-PLE e que num primeiro momento seria aplicado e desenvolvido para o ensino-aprendizagem do PLE.

Com efeito, raramente as gramáticas de português europeu recorrem a exemplos orais reais e os estudantes que pretendem aprender português deparam-se com um enorme fosso entre a teoria, os manuais didáticos, e a realidade, nomeadamente quando se confrontam com conversas entre falantes lusófonos ou em interações informais do quotidiano.

Em contexto de sala de aula, o professor de PLE utiliza raramente excertos de diálogos reais, devido à dificuldade em aceder a estes e ele próprio recorre frequentemente a um débito de fala mais lento do que em situação real; a oralidade em sala de aula é principalmente trabalhada a partir de documentos fictícios ou a partir de documentos orais retirados da televisão, da internet, de entrevistas, entre outros, mas que são relativamente normalizados e preparados. Ora, os estudantes de PLE revelam dificuldades em dominar as interações reais, em compreender os discursos simultâneos entre vários locutores, assim como as diferentes variedades regionais que se misturam, por vezes, num mesmo discurso oral. Como refere Isabel Margarida Duarte (2018: 4):

Ora, apesar de algumas destas assunções teóricas se terem tornado, ao longo dos últimos anos, bastante consensuais, muitas das descrições gramaticais que temos para o PE têm por base quase exclusivamente a variedade padrão, um registo escrito e formal, e em muito menor proporção, a língua falada informal e quotidianamente, poucas vezes considerando a variação e só em certas áreas da descrição linguística. Por outro lado, a intuição do investigador continua a ser critério em muitos trabalhos de pesquisa e aceita-se que a maior parte dos exemplos que fornece sejam da sua autoria.

Parece-nos, deste modo, fundamental colmatar esta lacuna¹ e permitir o uso e o estudo de conversas orais informais reais em contexto de sala de aula para o ensino-aprendizagem de PLE, pois, como Isabel Margarida Duarte mais uma vez referiu: « Ora, a língua em uso também é língua» (Duarte 2018: 14).

A ideia de criação de um *corpus* de conversas orais informais surgiu a partir dos trabalhos de Isabel Margarida Duarte e de Ângela Carvalho, que numa das unidades curriculares lecionadas no Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto propuseram aos estudantes, ao longo dos últimos anos, gravar conversas orais informais, respeitando instruções previamente fornecidas. Estas conversas, que posteriormente foram transcritas utilizando as normas Va.Les.Co², revelam-se extremamente úteis para a compreensão do discurso oral informal. Posteriormente, com a Professora Doutora Ângela Carvalho decidimos criar um projeto para elaborarmos um *corpus* consequente de conversas orais informais

¹ Identificamos vários *corpora* de variedades regionais do português europeu: o *Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e Galiza* (ALEPG). Este projeto de atlas nacional foi lançado em 1970 por uma equipa, liderada por Luís F. Lindley Cintra, que se encarregou, durante os primeiros quatro anos, da elaboração do Questionário Linguístico, cuja aplicação orientará a recolha de dados para o ALEPG. Trata-se de um questionário essencialmente lexical, de base onomasiológica; o *Atlas Linguístico da Costa Portuguesa* (também é um questionário iniciado em 1984 sobre o léxico associado à vida piscatória na costa portuguesa.); o *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores* (essencialmente lexical e que decorreu entre 1979 e 1996); o *Corpus CORDIAL-Sin*, corpus dialetal para o estudo da sintaxe (Carrilho 2010) e o *CPE-Var* (Corpus da Variação do Português Europeu – CLUL), que incide especificamente sobre dados de fala recolhidos entre 1996 e 1997 nas cidades de Lisboa e Braga e que constituem conversas formais em português e brasileiro. Também identificamos o *CONDIVport* (Silva 2008 – que se refere a palavras retiradas de jornais e revistas) e um corpus do CLUL “Português falado: documentos autênticos”, com 92.000 palavras de conversas informais e formais gravadas entre 1970 e 1990, que ilustram todas as variedades de português do mundo (cf. Bacelar do Nascimento 2001). O *Português contemporâneo* que é um vasto corpus eletrónico de várias variedades: Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor Leste. Com 311,4 milhões de palavras, este corpus contém diferentes tipos de textos escritos (literários, jornalísticos, técnicos, etc.) e gravações orais (formais e informais). Por fim, o subcorpus escrito do CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, que contém 309 milhões de palavras, pode ser pesquisado online, sendo as suas subpartes disponíveis no catálogo do ELRA, *European Languages Resource Association*. O CRPC contém textos da segunda metade do século XIX até 2006, embora a maioria dos textos date de 1970.

² Va.Les.Co (Briz 2002). Como Sandré 2013 afirma, o facto de se utilizar convenções mais ou menos pormenorizadas de transcrição depende dos objetivos do estudo. Dado que estamos a analisar discurso oral plurilocal num registo informal, as normas de Valência parecem-nos adequadas, porque, sendo muito completas, permitem ter em conta uma grande quantidade de variáveis e, sobretudo, as que são pertinentes para análise.

que fosse acessível de forma gratuita e eventualmente que pudesse ser aberto e completado por outros investigadores e estudantes. Atualmente, trabalhamos a partir de algumas conversas orais informais gravadas pelos estudantes de Mestrado da Universidade do Porto que mencionamos acima e que nos permitiram detetar algumas formas excessivas no discurso oral. Como já referimos, o excesso só pode ser identificado relativamente a uma norma e parece-nos que o discurso oral informal se situa precisamente num ponto ténue entre norma e desvio.

Para compreendermos a complexidade e a dificuldade de compreensão para um estudante de PLE de uma conversa oral informal, vamos analisar alguns excertos de uma conversa gravada a 29/03/2018, na cantina da reitoria da Universidade do Porto, que revelam alguns aspetos excessivos relativos à norma. Este método deverá ser aplicado a todo o *corpus* para se obter um número significativo e relevante de conclusões.

O discurso oral é marcado e caracterizado por frequentes repetições que parasitam, por vezes, a fluidez do discurso, inaceitáveis no discurso escrito, mas necessárias no discurso oral para acentuar pontos de vista, para se fazer ouvir quando vários interlocutores dialogam simultaneamente. Estas repetições também se devem, por um lado, aos sons e ruídos que envolvem a conversa, mas assistimos principalmente à construção em direto do pensamento e do que se pretende transmitir.

- (1) *E eles num / num/ num / recomendam um hotel?* (ACP)³

Este primeiro exemplo é particularmente interessante, pois além da repetição três vezes de *num* apresenta o sotaque da região do Norte do país. *Num* é aqui equivalente a ‘não’. Para um estudante que aprende português, esta formulação pode revelar-se extremamente difícil de compreender, se o aprendiz não tiver sido confrontado e alertado para este tipo de situações.

O exemplo seguinte, mostra a repetição “excessiva” de termos. Como refere Lucien Sfez (2020: 25):

(...) pour qu’un message soit audible, il est nécessaire que certains de ses éléments se répètent ou renvoient à d’autres éléments déjà contenus dans le message.

- (2) *B: ai eu / eu / eu adoro os vídeos dela / eu rio-me tanto*
C: o meu irmão envia-me de vez em quando (())

³ Ana Castro Paiva (gravação efetuada por ACP, a 29/03/2018, na cantina da reitoria da Universidade do Porto).

B: quem?

C: o meu irmão mais novo

B: *da da bumba na fofinha? bumba na fofinha*

C: *bumba na fofinha*

B: eu conheço-a / é a Mariana

C: *ai conheces mesmo?*

B: *sim que ela é uma das melhores amigas de uma grande amiga minha*

C: *hummmmh? /// bumba na fofinha é muito bom //* (ACP)

- (3) A: *eu acho que também é uma questão de geração porque os miúdos eu vejo agora no comboio / vai **tudo** com o instagram / **tudo** / **tudo** / **tudo*** (ACP)

- (4) C: ***o meu irmão também** // o meu irmão mais novo **também** tá muito mais no instagram* (ACP)

- (5) C: ***pois era / pois era** /// e iam tipo para o canal do Porto ou para o canal qualquer coisa ///* (ACP)

- (6) B: *pois é / é / é /// eu / eu assusta-me muito* (ACP)

Ao lermos estas transcrições, observamos que o discurso se torna pouco fluido, lento, mas na oralidade este tipo de repetições é inevitável se se quer transmitir eficazmente uma mensagem. Se se deseja aumentar a capacidade de compreensão do recetor e reforçar a univocidade da mensagem, devemos repetir ou os mesmos termos, ou usar sinónimos, ou efetuar paráfrases. Citando ainda Lucien Sfez (2020: 25):

Il y a donc, dans la langue parlée, un point d'équilibre de la redondance que le sens commun utilise à bon escient dans la conversation ordinaire et qui peut évoluer du plus au moins selon que l'on utilise une langue poétique ou spécialisée.

Por outro lado, visto que o discurso é construído no momento do diálogo, cortes de palavras e hesitações nas concordâncias de género são igualmente frequentes, desviando-se assim da norma ensinada nas gramáticas. Esta construção imediata da mensagem é igualmente visível na hesitação da escolha de artigos definidos ou de preposições, hesitando-se entre o género e o número pois o locutor não sabe ainda qual o vocábulo que vai utilizar:

- (7) C: *hummm // eu uma vez numas férias lá fui // tipo apanhei o comboio pro Douro e depois fiquei lá a acampar no meio do nada / **na no Pinhão** / acho eu* (ACP)

A conjugação verbal também se desvia muitas vezes da norma padrão, oscilando entre uma utilização desnormalizada da pessoa verbal ou mesmo do tempo e modo verbais:

- (8) C: =os [(())] já não conversam [(())] **têm** uma dúvida **vai** ao google (ACP)

Outro elemento que gostaríamos de destacar é o uso de formas tipicamente informais e orais, inexistentes na escrita como o tão conhecido *pronto* / *prontos* ou ainda *fogo*, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (9) A: *ah e quando fazia aquele barulho para marcar a ligação te-te-te a marcar a ligação / lembram-se?* **fogo** // (ACP)

- (10) A: *era ///* **fogo** *isso parece que foi há séculos mesmo* (ACP)

C: *eu detesto*

A: **fogo**

C: *detesto essa imagem /// é assustadora /// isso para mim é o mais assustador ver as famílias ou os casais* (ACP)

A expressão *fogo* pode ser considerada como um “bordão” linguístico e surge a par de outros de modo frequente na linguagem oral. Contudo, raramente são explicados nas gramáticas e nas aulas de PLE. Esta expressão só surge nos dicionários portugueses mais recentes (o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, 2004 e o *Dicionário Verbo* da Língua Portuguesa, 2006), para exprimir indignação ou irritação. Nestes dicionários, *fogo* tem dois sentidos: um é a instrução de comando para disparar, e o outro classificado como um coloquialismo é definido como “exclamação que exprime admiração, indignação, espanto, surpresa”. Apesar de não termos encontrado mais informações sobre esta expressão, intuitivamente pensamos que ela também se possa ter desenvolvido através da substituição da palavra tabu começada por “f---”. Como podemos observar, estas expressões pululam no discurso oral e devem ser consideradas como elementos significativos da oralidade.

Outro exemplo do mesmo tipo é a expressão de *né*, trata-se da contração não normalizada de *não é*:

- (11) A: *porque se tivesse as lixeiras prontas e os cartazes e a gente colocando no corredor meio trabalho* **pronto** // *porque vocês mesmo podem ta envolvendo as crianças na hora de da-da contagem da peça vocês indo corredor ↑ // voltando envolvendo eles* **né?** *pra que eles conheçam e vejam o que foi feito [entre eles mesmo]* (LN)

- (12) B: *o livro e a evolução do livro* **né?** (DF)

- (13) *B: é assim sobre isto aqui / arranjas de certeza muita bibliografia sem teres muito trabalho né // pesquisas teses já feitas / (entre risos) que é verdade (3'')* (DF)
- (14) *A: porque depois da elaboração dos cartazes / nós podemos assim eh → // colocar esses outros né? / [esses outros itens aí]* (LN)
- (15) *A: até mesmo porque semana que vem se a gente pará pa analisar tem entrega de trabalho né? [a avaliação=]* (LN)
- (16) *B: § fazer uma coisa direitinha né?* (LN)
- (17) *?: [lindo né?]* (LN)
- (18) *A: de repente pros maiores né? Seria legal / tem o lorax também /// o lorax também fala do meio ambiente / fala da poluição também fala da água / também é legal // esse quem tinha eraaaa-era o tio Bruno /// esse eu não tenho /// mas posso ver na internet e ver comê que baixa não sei né / a gente tem que aprender // e aí / então vamo ver o que que vai ser feito / então esses são os passos né? // vamos ta fazendo isso aqui.* (LN)

A forma *né* não surge em nenhum dicionário de Português Europeu, mas já integrou alguns dicionários de Português do Brasil, como é o caso dicionário Houaiss ou do dicionário Priberam em linha. Trata-se de um advérbio próprio de um contexto oral e coloquial, não utilizado na escrita nem em contextos formais. Pode ser utilizado como um marcador conversacional tendo como função assinalar um pedido de confirmação ou de concordância, uma pausa no discurso, como advérbio de dúvida. Não obstante, a forma contraída pode ser utilizada apenas como um marcador de turno de fala, caso em que já será difícil atribuir-lhe o valor de um advérbio de dúvida. Neste contexto, *né* será um mero indicador fático, não transmitindo qualquer informação discursiva.

A partir de um *corpus* mínimo como o que foi utilizado nesta comunicação, podemos observar que as divergências relativamente à norma escrita são inúmeras, mas caracterizam o discurso oral informal. Ora, os aprendentes de PLE não têm um contacto explícito com esta “variedade” do discurso e quando confrontados com situações reais de conversação apresentam grandes lacunas de comunicação: na compreensão e na interação orais.

Os fenómenos repertoriados relevam, geralmente, da co-construção do sentido e são marcas do desejo de cooperar dos enunciadores, que colaboram entre si, como Grice 1975 explicou. No género discursivo selecionado – conversa oral informal –, é facilmente atestável essa co-construção do sentido, havendo mecanismos variados de modalização do dito, com atenuação ou intensificação de certos segmentos, devido a estratégias linguístico-discursivas dos locutores, de argumentação que exige ora mitigação ora reforço (Fonseca 1994). Por meio

dessas estratégias, os interlocutores argumentam, responsabilizando-se ora mais ora menos pelo dito, através de mecanismos de “prise en charge” enunciativa (Rabatel 2017).

Por outro lado, a disponibilização de *corpora* em livre acesso, poderá constituir um instrumento precioso e rico para todos aqueles que se debruçam sobre a língua portuguesa, desde estudantes, a professores de PLE, a investigadores em linguística, entre outros. A partir do recenseamento que foi efetuado, a pesquisa poderá ser feita a partir de palavras-chave definidas com base na análise do discurso. A base de dados permitirá igualmente o seu enriquecimento com submissões livres de gravações orais e de transcrições propostas pela comunidade de estudantes, investigadores, etc. Este aspeto parece-nos inovador e uma mais-valia importante na medida em que este corpus não permanecerá estanque, limitado no tempo, mas em constante criação e evolução.

O discurso oral não é um sub-produto do discurso escrito, é um discurso diferente. Em termos de norma, pensamos que o oral e o escrito devem ser considerados de modo separado, havendo, a nosso ver, uma dupla norma: a do discurso oral e a do discurso escrito.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. 2004. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto. Porto Editora.
- AAVV. 2006. *Dicionário Verbo da Língua Portuguesa*. Lisboa. Verbo.
- Briz Gómez, A., Grupo Val.Es.Co. 2018. *Corpus de conversaciones coloquiales*. Madrid. Arco Libros.
- Duarte, Isabel Margarida. 2018. “Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu. Alguns exemplos de análise de expressões extraídas de usos orais informais”, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 4, 1–17.
- Duarte, Isabel Margarida, Carvalho, Ângela. 2017. “Conversa informal e linguagem vaga “um bocado” e “um bocadinho”: contributos para o ensino do Português Língua Estrangeira”, *Portuguese Language Journal* 11, 146–164.
- Duarte, Isabel Margarida, Carvalho, Ângela. 2018. “Treino da oralidade na aula de PLE: uma experiência com conversas orais informais no nível A”, *Studia Universitatis Babeş-Bolyai Philologia* 63(2), 161–170.
- Fonseca, Joaquim. 1994. *Pragmática linguística: Introdução, teoria e descrição do português*. Porto: Porto Editora.

- Grice, H. P. 1975. « Logic and conversation ». In P. Cole, J. Morgan (eds.), *Syntax and semantics* (pp. 41-58). New York: Academic Press.
- Rabatel, Alain. 2017. *Pour une lecture linguistique et critique des médias. Empathie, éthique, point(s) de vue*. Limoges: Lambert-Lucas.
- Sandre, Marion. 2013. *Analyser les discours oraux: approche pluridisciplinaire*. Paris: Armand Colin.
- Sfez, Lucien. 2020. *La Communication*. Coll. Que sais-je ?. Paris: PUF.